

## A LUZ DA (NA) CEGUEIRA TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA NÃO SÃO COMO ÁGUA E ÓLEO

*José Renato Berwanger Carlan*

Alegria e tristeza não são como água e óleo (José Saramago).

Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem (José Saramago).

Em algum momento da nossa existência pensamos e vivemos sentimentos que parecem contraditórios: alegria e tristeza; vida e morte; amor e ódio; medo e esperança; depressão e euforia, assim, como passado e presente... Nas relações, esta decantação é possível? É possível banir todos os dramas, tragédias e infortúnios de nós mesmos e do outro? Que referenciais sustentam a cultura?

O romance "Ensaio Sobre a Cegueira" do escritor português *José Saramago*, publicado em 1995, e recentemente lançado em filme, com direção de Fernando Meireles, traduz uma metáfora sobre o destino da civilização que parece regredir a parte mais bruta e primitiva, trazendo a emergência de uma *cegueira*, em ficção, que abate uma cidade não identificada, de forma inexplicável e incurável. Tal cegueira manifesta-se primeiramente em um homem sentado no trânsito, que após uma consulta a transfere para o médico e, lentamente, vai se espalhando pelo país. Aos poucos, todos acabam cegos e reduzidos, pela obscuridade, a meros seres lutando pela sobrevivência. O autor, com esta ficção, estaria antecipando a regressão da civilização a sua parte mais primitiva, escura e destrutiva?

Autores kleinianos como Hanna Segal (1987) e Esther Sanches-Pardo (Figueiredo/Cintra, 2004), pensam a cultura contemporânea, inclusive as políticas públicas, como uma cultura da pulsão de morte, com a forte presença dos mecanismos mais arcaicos e destrutivos, sinalizando perdas irremediáveis e uma inevitável melancolia, atravessada pelo imperativo da voracidade, da insatisfação, do desperdício, do vazio e da perda de si mesmo.

Não é por acaso que Saramago sinaliza o drama da cegueira em contraponto a um momento social que privilegia o excesso de desejo, transbordado pela visão, "pelo olho grande de desejo de se consumir e consumir com o outro". O caos da civilização apresentado pelo autor pode ser encarado como um sintoma da cegueira do homem em relação a si mesmo e ao outro, num momento que revela a parte mais primitiva do humano, assim como o sofrimento e o medo permeado com cuidado e esperança, num processo contínuo onde os sentimentos se misturam, assim como o percurso entre a realidade e a fantasia que revestem a história de cada pessoa.

O Ensaio rompe a dicotomia pensamento e emoção ao tratar da dor, dos encontros e desencontros, da alegria se misturando com tristeza, o drama da vida e da morte na qual a onipotência do homem e da cultura se dilui na parte mais primitiva trazendo à luz uma reflexão do olho que vê, do que não vê e

vice-versa. Além de diluir a dialética ao nada o autor quis mostrar ou prever, em forma de ficção, o futuro que se esvai como uma ilusão ou uma regressão da humanidade a sua parte mais destrutiva, transgressora, arcaica, como se depois de um pico, depois um êxtase total chegasse a uma crise de sujeito e porque não dizer a um niilismo. Diante desta crise, mesmo em ficção ou ilusão, parece haver o desejo de re-inventar um retorno a horda primeva para fundar uma nova cultura, repensando ou resgatando totens e tabus (ficção).

O totem representava o antepassado comum do clã e ao mesmo tempo o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhecia e poupava os próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estavam na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras).

O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. Hoje, que referencia sustenta o clã(família), protege e poupa os filhos? Ou, que herança será deixada aos filhos?

Rudiger (2008) sobre a cibercultura e pós-humanismo faz a seguinte indagação: Será a cibercultura o pano de fundo para seu sepultamento? As conclusões do autor são no sentido de que nosso tempo dá sinais de, senão ir além do que definia o humano, pelo menos abrigar em si uma atitude que chamaríamos de pós-humanista.

Permeado pelo drama, o filme mostra o desmoronar completo da sociedade que, por causa da cegueira, perde a face civilizatória, sinalizando e desvelando as facetas da natureza humana à medida que essas emergem numa crise de epidemia. Mas, também mostra o sentimento de humanidade dos que são obrigados a confiar uns nos outros quando os seus sentidos físicos os deixam, revelando o quanto o drama e a tragédia fazem enxergar a vida, o quanto o medo traz esperança!

Esperança, gratidão e solidariedade emergem, segundo Cintra e Figueiredo (2004), no vínculo, na *atadura*, o que é, ao mesmo tempo, "a pedra no sapato de todos os mortais". As forças de integração, apontadas no filme, podem ser pensadas no eixo kleiniano, da manutenção da tensão entre as forças solidárias e coesivas (enxerga mas não vê), e as forças destrutivas e desintegradoras (vê, mas não enxerga). As forças de integração são fortalecidas pela dependência e gratidão.

Metaforicamente o filme sinaliza uma cegueira na luz quando o médico (analista) se contamina com a cegueira do paciente e assim permanece até o final da história, uma possível alusão a transferência e contratransferência que se apresentam na situação analítica, e podem configurar-se como um "ponto cego" na relação.

A luz se compõe e se recompõe num olhar que finge não ver, o olhar da esposa do médico, mas que ao final se revela na cura. Nesse ponto este olhar poderia ser do analista representando o que Figueiredo (2003), vai chamar uma "reserva de alma", diz ele: "Nesta reserva de alma residem nossas teorias, nossos desejos, nossa capacidade de pensar, falar, simbolizar e sonhar. Mas aí reside, fundamentalmente, nossa capacidade de ser afetado e interpelado pelo sofrimento". Nessa direção, Nasio (1999) comenta sobre o inconsciente na

relação analítica, ao invés de dizer “passagem, “comunicação entre inconscientes”, fala de uma produção comum de um só inconsciente, na relação analítica, momento de entrecruzamento entre paciente e analista: - o ponto de mira.

Muito mais que resposta a transferência do paciente há uma condição da possibilidade de psicanálise a partir do que Figueiredo (2003), define como contratransferência primordial, como um deixar-se colocar diante do sofrimento antes mesmo de se saber do que e de quem se trata, correspondendo, inexoravelmente, uma mistura de sentimentos. “...Essa contratransferência primordial corresponde justamente à disponibilidade humana para funcionar como suporte de transferências e de outras modalidades de demandas afetivas e comportamentais profundas e primitivas, vindo a ser um deixar-se afetar e interpelar pelo sofrimento alheio no que tem de desmesurado e mesmo de incomensurável, não só de desconhecido como incompreensível...”, mas nem por isso cego narcisicamente.

## REFERÊNCIAS

- Cintra, Elisa Maria de Ulhoa, Luís Cláudio Figueiredo. Melanie Klein. Estilo e Pensamento. São Paulo. – São Paulo: Escuta, 2004
- Figueiredo, L.C. (2003) Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais. Trabalho apresentado na Formação Freudiana. Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1913) Totem e Tabu. In: Obras Psicológicas Completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro. Imago, 1996.
- Freud, S. (1893 [1895] Estudos sobre histeria. ESB. Vol.II. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Nasio, Juan-David. Como trabalha um psicanalista? Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 1999.
- Rudiger, Francisco. Cibercultura e Pós-Humanismo. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.